

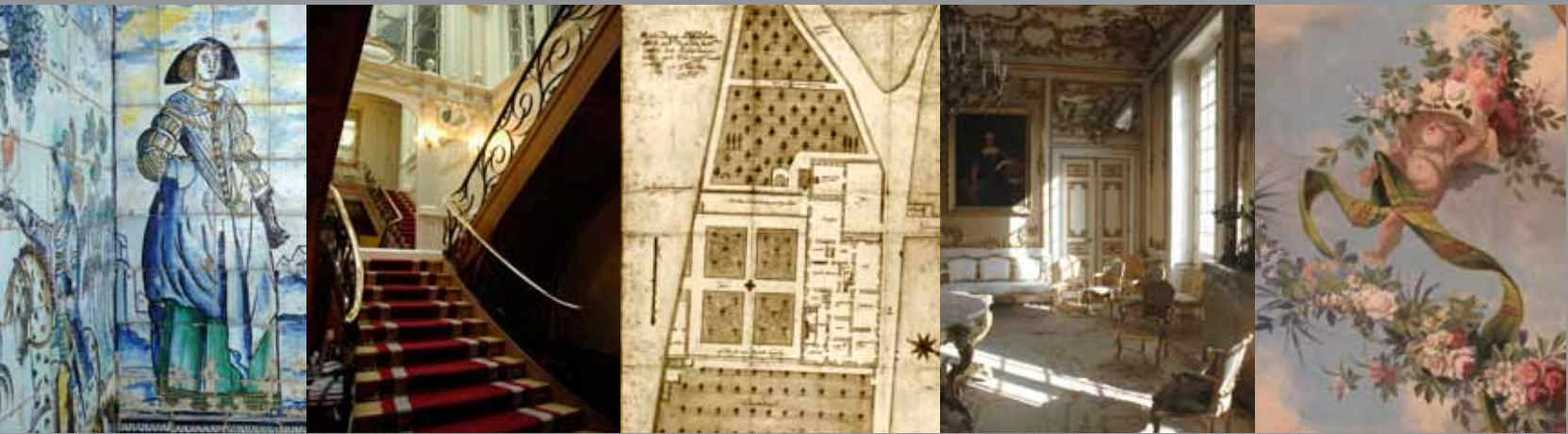
Isabel Mendonça . Hélder Carita . Marize Malta

Coordenação

A CASA SENHORIAL

em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores



Instituto de História da Arte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Escola de Belas Artes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A CASA SENHORIAL
em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores





Coordenação

Isabel Mendonça . Hélder Carita . Marize Malta

A CASA SENHORIAL
em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores

Instituto de História da Arte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Escola de Belas Artes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

2014

FCT (PTDC/EAT-HAT/112229/2009)

ISBN: 978-989-99192-0-4
(Universidade Nova de Lisboa)
ISBN: 978-85-87145-60-4
(Universidade Federal
do Rio de Janeiro)

*A Casa Senhorial
em Lisboa e no Rio de Janeiro:
Anatomia dos Interiores*

Design gráfico:
Atelier Hélder Carita

Secretariado:
*Lina Oliveira
Tiago Antunes*

Depósito legal:
383142 / 14

Tipografia:
Norprint

Tiragem:
300 exemplares

LISBOA – RIO DE JANEIRO 2014

Coordenação

Isabel M. G. Mendonça
Hélder Carita
Marize Malta

Edição conjunta

Instituto de História da Arte (IHA) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

ISBN: 978-989-99192-0-4

Escola de Belas Artes (EBA) – Universidade Federal do Rio de Janeiro
ISBN:

© Autores e IHA

Os artigos e as imagens reproduzidas nos textos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto com a referência EAT-HAT.112229.2009.

ÍNDICE

MECENAS E ARTISTAS. VIVÊNCIAS E RITUAIS

- 18 **Cátia Teles e Marques**
Os paços episcopais nos modelos de representação protagonizados por bispos da nobreza no período pós-tridentino em Portugal
- 44 **Daniela Viggiani**
“L’ Abecedario Pittorico” de Pellegrino Antonio Orlandi
- 64 **Celina Borges Lemos**
André Guilherme Dornelles Dangelo
Solar “Casa Padre Toledo”: o bem cultural como uma conjunção ritualística de espaços e tempos limiaries
- 86 **Miguel Metelo de Seixas**
O uso da heráldica no interior da casa senhorial portuguesa do Antigo Regime: propostas de sistematização e entendimento

ARQUITECTURA, ESTRUTURAS E PROGRAMAS DISTRIBUTIVOS

- 112 **Isabel Soares de Albergaria**
O Palácio dos Câmara “aos Mártires” – um caso excepcional da opulência seiscentista
- 134 **João Vieira Caldas**
Maria João Pereira Coutinho
O Nome e a Função: Terminologia e Uso dos Compartimentos na Casa Nobre Urbana da Primeira Metade do Século XVIII
- 190 **Hélder Carita**
O Palácio Ramalhete, nas Janelas Verdes: uma tipologia de palacete pombalino
- 208 **Ana Lúcia Vieira dos Santos**
Formas de morar no Rio de Janeiro do século XIX: espaço interior e representação social

- 224 **Mariana Pinto da Rocha Jorge Ferreira**
Tiago Molarinho Antunes
O Palácio dos Condes da Ribeira Grande, na Junqueira:
análise do conjunto edificado
- 248 **José Pessôa**
Padrões distributivos das casas senhoriais no Rio de Janeiro
do primeiro quartel do século XIX
- 272 **José Marques Morgado Neto**
As Casas Senhoriais da Belém colonial entre os séculos XVIII e XIX: sob a pers-
pectiva dos relatos de viajantes, da iconografia da época e da remanescência
no centro histórico da cidade
- 292 **Gustavo Reinaldo Alves do Carmo**
O Palácio das Laranjeiras e a *Belle Époque* no Rio de Janeiro (1909-1914)
- 318 **Patrícia Thomé Junqueira Schettino**
Celina Borges Lemos
“O Palacete Carioca”. Estudo sobre a relação entre as transformações da arquite-
tura residencial da elite e a evolução do papel social feminino no final do século
XIX e início do século XX no Rio de Janeiro
- 338 **Felipe Azevedo Bosi**
Palácio Isabel: o Palácio do Conde e Condessa d’Eu
no Segundo Reinado brasileiro
- 346 **Paulo Manta Pereira**
A arquitetura doméstica de Raul Lino (1900-1918). Expressão meridional
do *Arts and Crafts*, ou síntese local de um movimento artístico universal
do último terço de oitocentos

A ORNAMENTAÇÃO FIXA

- 366 **Ana Paula Correia**
Memórias de casas senhoriais – patrimónios esquecidos
- 382 **Sofia Braga**
Sobre a Sala Pompeia do Antigo Palácio da Ega

- 404 **Cristina Costa Gomes**
Isabel Murta Pina
Papéis de parede da China em Casas Senhoriais Portuguesas
- 424 **Ana Pessoa**
As Artes Decorativas no Rio de Janeiro do século XIX: um panorama
- 444 **Isabel Mendonça**
Estuques de Paris e “parquets” de Bruxelas num palácio oitocentista de Lisboa
- 472 **Isabel Sanson Portella**
Análise Tipológica dos Padrões dos Pisos de *Parquet* dos Salões do Palácio Nova Friburgo / Palácio do Catete
- 482 **Alexandre Mascarenhas**
Cristina Rozisky
Fábio Galli
A “Casa Senhorial” em Pelotas no século XIX: família Antunes Maciel
- 502 **Miguel Leal**
A Pintura Decorativa do Palacete Alves Machado: um estudo de caso
- 516 **Rosa Arraes**
A função social das decorações e seus ornatos dos palacetes na *Belle-époque* da Amazônia

EQUIPAMENTO MÓVEL

- 536 **Maria João Ferreira**
Ecos de hábitos e usos nos inventários: os adereços têxteis nos interiores das residências senhoriais lisboetas seiscentistas e setecentistas
- 562 **Marize Malta**
Sumptuoso leilão de ricos móveis... Um estudo sobre o mobiliário das casas senhoriais oitocentistas no Rio de Janeiro por meio de leilões

Palavras-chave
Amazônia,
Belém,
Belle-époque,
arquitetura,
memoria

Keywords
Anamazonia,
Belém,
Belle-époque,
architecture,
memory

Resumo/Abstract

A função social das decorações e seus ornatos dos palacetes
na Belle-époque da Amazônia

Durante o “Ciclo da Borracha” na Amazônia Brasileira no final do séc. XIX e início do XX, as transformações ocorridas em Belém do Pará colocam em pauta a necessidade de estabelecer sinais de identidade e distinção entre seus moradores, que indiquem visualmente os seus lugares sociais através de delicadas construções particulares na cidade de Belém, conhecidos como Palacetes, síntese de grandes obras de arquitetura do período que ficou conhecido como a *Belle-Époque* amazônica.

São construídos edifícios imponentes com variados materiais sofisticados e importados, apresentando elementos decorativos que emolduram as janelas e fachadas. É de extrema importância discutir e acelerar o debate envolvendo as práticas ornamentais e o contexto sociocultural da cidade de Belém, procurando lançar um novo olhar sobre a cidade que, analisando a função social destes ornatos e suas relações de forças confirma que a arte visual urbana promove uma educação estética através da sensibilização do olhar.

Amazonian Palacetes and its architectures embellishments social function
during the so called Brazilian “Belle-Époque”

During the so called “Rubber cycle” that happened in the Brazilian Amazon at the end of the 19th century and beginning of the 20th, several social changes happened in Belém do Pará, requiring from the society a way to establish signs of identity that would allow a distinction between its inhabitants. That was achieved by the construction of private buildings, known as *Palacetes*, and would symbolize the big architecture constructions from this period that became well known as the Amazonian *Belle-Époque*.

Several buildings were constructed with diverse sophisticated imported material, showing decorative elements that would frame windows and front of buildings. It is very important to bring up and expedite discussions about those ornamental traditions and its social-cultural context, looking for a new overlook through the city that when analyzing the social function of those ornaments, will confirm that the visual urban art promotes an esthetical education through the view.

Rosa Arraes. *Licenciada em artes plásticas, especialista em Conservação e Preservação do Patrimônio Histórico, Mestre em História - (Universidade Federal do Pará) com ênfase em História Social da Arte na Amazônia, técnica na área de Conservação e Restauração de Acervos de Museus, com ênfase Conservação Preventiva, Pesquisa, manutenção e sustentabilidade de museus e edifícios. Professora História da Arte. Membro do Conselho Internacional de Museus Comité Internacional de Conservação (ICOM-ICC).* rosarraes@hotmail.com

A função social das decorações e seus ornatos dos palacetes na *Belle-époque* da Amazônia

Rosa Arraes

1. BELÉM DO PARÁ: UMA METRÓPOLE EM CONSTRUÇÃO

A cidade de Belém do Pará foi palco de grandes transformações estéticas nas primeiras décadas do século XX, dando vida ao estilo que ficou conhecido como a “Época da Borracha”, iniciada devido ao grande desenvolvimento ocorrido na região graças a este produto, proporcionando um dos maiores surtos da economia brasileira.

A exploração do látex da matéria prima recém-descoberta era bastante desconhecida no resto do mundo, porém, com um potencial de utilidades sem limites e imensamente lucrativo para as possibilidades que o mercado internacional possuía. O norte do Brasil sofreu então uma alucinação da fortuna inesperada. Uma nova ordem econômica fora estabelecida possibilitando importantes fatos em nossa história regional, baseados principalmente na espetacular modernização da capital paraense.

Para implantar esta modernização e as mudanças exigidas pelas elites da época, foi necessária a intervenção do intendente Antônio José de Lemos (1898 –1911), que teve como principal desafio estabelecer uma nova proposta urbanística para a cidade. A proposta deveria abranger não apenas na urbe, mas também os hábitos e costumes da população. Seu desafio era o de transformar a cidade em uma representação parisiense, uma “Petit Paris”. Aos olhos de Antônio Lemos e em nome do progresso, era preciso reordenar e especializar os espaços de modo que atendesse ao novo gosto da ascendente elite, mostrando aos investidores estrangeiros que visitavam Belém, ou aqui vinham estabelecer seus negócios, que esta cidade, além de bonita, era segura em relação à salubridade e saneamento, e também culta, pois por aqui passariam as mais diversas modalidades e linguagens artísticas da época.¹

Era inevitável, portanto, saber que todas essas mudanças deveriam ter um modelo eficiente para atender às novas demandas; era urgente uma modernização da capital, entretanto, ela deveria ser acompanhada de um ar europeu, haja vista os intercâmbios culturais intensos com a França e Portugal que exigiam um estilo estético capaz de acompanhar as tendências europeias. Por isso, em todo processo modernizador que a cidade recebeu, foi adotado o modelo europeu, semelhante ao das cidades europeias.

A área comercial fora asseada e embelezada, pois lá se encontravam as grandes casas aviadoras, os bancos e as lojas com artigos considerados sofisticados, produtos que em sua maioria eram vindos da Europa e eram consumidos avidamente pela elite. A nova classe alta econômica, com destaque para os seringalistas, escolheu a cidade de Belém como base de suas atividades. O novo padrão de urbanismo que Antônio Lemos traz para Belém é posto em prática com a ajuda de um grupo de competentes engenheiros e arquitetos formado por Nina Ribeiro, Francisco Bolonha, Palma Muniz, Filinto Santoro, João Coelho, José Sidrim, Lúcio Freitas do Amaral, Frederico Martin, Domingos Acatauassu Nunes, Miguel Ribeiro Lisboa, entre outros sendo, que alguns deles possuíam pós-graduação na Europa.²

Ilustração 1
Planta da Cidade
de Belém - 1900.

José Sidrim.

Ilustração 2
Album Comercial-
-reprodução
gráfica da
Casa Pekin
no Centro
Comercial de
Belém

Com base na planta de 1886 feita por Nina Ribeiro, o grupo desenvolveu um plano para Belém que culminou com a planta de 1905 (Ilustração 1)³, desenhada por José Sidrim. Essa planta projetou avenidas, ruas e bairros inteiros em espaços onde só haviam florestas e áreas alagadas. Comparada à planta atual, no que concerne a 1ª Légua Patrimonial, o plano de Lemos continua inalterado até os dias atuais no que se refere ao centro financeiro e também o de consumo, luxo e divertimentos.



Uma das maiores preocupações da intendência da época era referente ao processo de embelezamento. O calçamento das ruas obedeceu a uma distribuição criteriosa em relação aos revestimentos, desde os paralelepípedos de granito nas principais avenidas até os de asfalto nas vias que circundavam o Teatro da Paz, para que o barulho “não perturbasse os assistentes das funções daquela casa de espetáculos”, de acordo com o registro do próprio administrador. É importante ressaltar que, ao lado desses melhoramentos, a Intendência estabeleceu medidas rigorosas para quem destruísse o calçamento da cidade, como se observa na Lei de nº 178, de 11 de março de 1898.

Os costumes e gostos europeus transformaram-se em símbolos desta gente que circulava pelos teatros, cafés, livrarias e pelas ruas pavimentadas e arborizadas da cidade, mesmo que isso representasse um impacto nos hábitos e costumes das camadas que estavam à margem desse próspero comércio da borracha. Portanto, o francesismo invadira Belém juntamente com o portuguêsismo⁴, como uma mistura característica de muitas residências.

O requinte dos produtos era um fator que distinguia seus compradores e os colocavam em uma condição de sofisticação e de bom gosto. Por isso, estes produtos eram oferecidos em grande proporção nos jornais e catálogos, conforme nos mostra o anúncio da “Casa Pekin” especializada em importar produtos como louças, porcelanas, cristais de Sévres, candelabros, lustres, tapetes persas, tecidos, chapéus e móveis. Assim como outras casas de aviamento importavam alimentos, como biscoitos e *champagne* franceses, vinagre português, manteiga inglesa, além de máquina de costura e uma lista imensa de produtos, muitos dos quais considerados supérfluos mas que faziam a exigente burguesia sentir-se como em uma cidade européia, apesar da maioria da população não possuir dinheiro sequer para comprar alimentos básicos para a sua sobrevivência.

Um novo cenário estava posto para os usuários da cidade, vias muito mais largas, passeios públicos, diversos edifícios públicos foram erguidos para oferecer maior conforto ao exigente público. Para fins de suprir com os novos hábitos requintados da população emergente, foram construídos prédios luxuosos como os cafés, as lojas de artigos importados diretamente da Europa.⁵

Entre todos os grupos de profissionais que por ali desembarcavam, havia um em que a sociedade dirigia um tratamento mais especial: os artistas do pincel. Esses profissionais faziam com muito orgulho a divulgação das exposições de Benedito Calixto, Antônio Parreiras, Aurélio de Figueiredo, Fernandes Machado e vários outros. Esses artistas não tinham dificuldade alguma para encontrar um lugar para fazer a exposição de suas obras, pois havia grandes galerias de pintura. Eles também conseguiam vendê-las com muita facilidade, pois o povo era culto e sensível e dava às obras de artes a devida importância. E para seus palacetes era impossível não ter uma pintura de um grande mestre.

Ilustração 3
Cartão Postal da
Av. Generalíssimo local em que
passava o bonde e cenário do tunel
de mangueiras de
Belém.

disponível [http://
pt.wikipedia.
org/wiki/
Ficheiro:Belem_Antiga_04.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Belem_Antiga_04.jpg).



“O horizonte amazônico descortina o cenário criado pelos excedentes dos lucros da borracha, o verdadeiro palco das praças ajardinadas, ricos palacetes, grandes boulevares, local ideal para passeios em trajes finamente confeccionados a moda francesa ou encomendados diretamente de Portugal Londres ou Paris. Ao fundo, a poucos metros da calçada em pedra portuguesa, o rio que de tão grande parece mar, leva o caboclo em sua canoa. Na cabeça apenas o chapéu de palha e na bolsa alguma farinha de mandioca para alimentar os seus”. A descrição que nos permitimos imaginar seria perfeitamente possível no cotidiano de Belém do Pará em finais de oitocentos, início do século XX, e ilustra de que maneira se deu a experiência da modernidade na Belle Epóque amazônica.

A vida em Belém é relativamente tão barata como nas capitais européias e para a alimentação encontra-se tudo quanto se pode obter em qualquer das grandes capitais do mundo, quer nos artigos nacionais quer nos estrangeiros, inclusive frutas e legumes de climas frios em câmaras frigoríficas.⁶

Na Amazônia, o reencontro com o cosmopolitismo se dá por meio da inclusão do território no mercado mundial através da exportação da borracha, durante a *Belle-Époque*,

assentada sobre um período de paz no ajustamento do pensamento liberal e na adoção de novos modos e costumes, tendo Paris como a sua máxima referência. A expressão na verdade era desconhecida pelos que vivenciaram a época de efervescência cultural e ruptura com os antigos costumes, ela só seria utilizada com frequência no ocidente, a partir da eclosão da primeira guerra mundial, sob uma perspectiva saudosista. Da mesma forma, os que definem na contemporaneidade o período de fausto alcançado por Belém em Finais de oitocentos e início do séc.XX, o utilizam para evocar a modernidade de uma maneira saudosista.

A Natureza encontrada nos espaços públicos passou a ser empregada no projeto de Belém Moderna como um sinônimo de paisagismo urbano, que também incluía a vegetação, ajardinamento, arborização e calçamento dos espaços urbanos de Belém, sendo a principal característica das praças e Jardins belenenses, as barreiras interpostas que os isolavam do âmbito público. Os Jardins não tinham portas, mas entradas obedecendo ao moderno plano civilizador dos jardins sem grade, concebido e posto em prática, no Brasil pela intendência de Belém⁷. A arborização urbana de Belém corresponde talvez ao ponto mais alto de valorização da rua, que quando sanadas as necessidades (calçamento, iluminação, água e esgoto), passou-se à valorização do lugar com o plantio de exemplares arbóreos. A introdução do jardim lateral e frontal no lote urbano de uso residencial iria corroborar a valorização da rua e do espaço público urbano.

Ao findar o século XIX, as ruas da capital paraense – ou pelo menos as de maior importância e próximas aos casarios e palacetes dos mais ricos – estavam calçadas, iluminadas, percorrida pelos bondes e por vezes arborizadas e ladeadas por casas com jardim. Os bondes marcaram um novo uso e uma maior valorização para os lugares por onde passavam, permitindo ligações mais rápidas entre lugares distantes estabelecendo uma clara divisão entre áreas residenciais e áreas de trabalho. O primeiro tipo inaugurado foram às linhas de bondes a vapor no ano de 1869 e, no ano seguinte, as primeiras linhas de bondes com tração animal. Em 1883 já existiam 30 km de linhas, entre bondes a vapor ou com tração animal⁸.

2. A ARQUITECTURA E OS SEUS ORNATOS NA CIDADE

Durante o “Ciclo da Borracha” na Amazônia Brasileira surgiram delicadas construções particulares na cidade de Belém, que ficaram conhecidos como Palacetes. Seus proprietários eram ricos comerciantes, políticos e milionários da época. Seus nomes identificavam os imóveis por eles construídos: Pinho, Faciola, Bolonha, Montenegro, Virgílio Sampaio, Carlos Bricio da Costa, Vitor Maria da Silva e muitos outros que, pela insensibilidade e

especulação imobiliária foram alguns demolidos. Nos salões desses palacetes muitas vezes eram decididos o futuro político e econômico do Município e do Estado, além de ser o “palco” do que havia de melhor na vida social paraense. Neles aconteciam suntuosos saraus, recitais, bailes, jantares e os mais sofisticados eventos da sociedade belenense. Eles são uma síntese das grandes obras de arquitetura do período que ficou conhecido como a *Belle-Époque* amazônica.

Apareceram, então, casas com frontispícios trabalhados e altos por intermédio de embasamento, seguindo o costume europeu dos porões de arranjo da carvoaria e da calefação. Em Belém, serviam para assegurar a ventilação necessária ao resguardo dos pisos de madeira em tabuado corrido sobre barrotes.

Uma grande parte das casas residenciais de Belém obedece ao academicismo francês da fachada e a certas concepções da Arquitetura Portuguesa e poderiam ser vistas na Avenida Nazaré, Avenida Governador José Malcher (antiga São Jerônimo), Avenida Magalhães Barata (antiga Independência), Braz de Aguiar, Generalíssimo Deodoro, 16 de novembro e por toda a cidade, algumas com soluções tropicais bastante interessantes como são as de varandas laterais, jardins e quintais arborizados por árvores frutíferas, caracterizando construções muito sólidas chamadas de eruditas, revelando o ecletismo europeu na arquitetura regional. Geralmente as fachadas são neoclássicas, os frontispícios trabalhados apenas no cenário de frente e a cobertura se esconde por detrás de altas e trabalhadas platibandas que aparecem sob a forma de frontões. Foram também extensamente utilizados os recursos de azulejos nas fachadas, platibandas com balaústres coríntios e estatuetas ou figuras de pinha nos altos das fachadas, sempre em cerâmica produzidas por fábricas de cerâmicas Portuguesas ou Francesas⁹.

Desta forma, na capital paraense, estes palacetes se revelaram como a própria expressão de modernidade e bom gosto de seus proprietários, o que claramente indicava a sua condição social, tornando-se uma prática comum para a nova e rica burguesia da borracha mostrar-se através de suas casas, e foram em sua maioria batizadas com os nomes de seus proprietários ou da família, o que revelava uma autoafirmação da condição burguesa desta família em relação aos demais moradores¹⁰. E lhes davam uma condição visualmente distinta em suas decorações e ornatos obtinham-se padrões que destacavam ainda mais estas moradias e tiveram relações com outros sistemas decorativos como os dos ferros e doam objetos de interiores residenciais, inclusive aqueles artesanais como a renda e o bordado. As ressonâncias formais garantiram uma comunicação efetiva entre conjuntos de práticas sociais aparentemente distantes. As afinidades formais estavam claras até mesmo no vocabulário comum utilizado, como o uso

recorrente de termos como “rendilhados” e “bordados”¹¹.

Como exemplo destas construções, temos o Palacete em estilo Fiorentino, antiga residência do Governador Augusto Montenegro (Avenida Governador José Malcher com Generalíssimo Deodoro)¹², e o Palacete Bolonha, (esquina da vila Bolonha); tipos de mansões híbridas que obedecem a regras portuguesas e estilo de casa de fazenda brasileira, um corpo central em dois andares rodeado de varanda com gradis de ferro, lembrando remotamente pela solução um templo grego primitivo, com exceção da construção do Palacete Pinho, na Rua Dr. Assis, este construído na pura tradição portuguesa de casarão assobradado, mas com um certo toque francês, e azulejos nas paredes externas. Aparentando no Jardim de entrada uma residência Francesa¹³.

Os fazendeiros que exploravam a matéria-prima nos seringais da Amazônia eram também pessoas abastadas que, em virtude do lucro fácil e abundante, recorreram ao luxo para serem vistos, principalmente com objetos sofisticados e de difícil aquisição. Foram eles que mandaram vir do estrangeiro não só os projetos de arquitetura para construção de



Ilustração 4
Palacete do Dr. Augusto Montenegro
Museu da Universidade Federal do Pará

suas casas, mas as próprias casas, muitas vezes trazidas completas, desde os tijolos ingleses, os lampiões belgas, até às mobílias francesas. Foi um luxo esplendoroso influenciado pelas correntes artísticas europeias do final do século XIX e início do XX¹⁴.

A estrutura do estuque com seus arabescos em altos e baixos relevos propiciaram um jogo formal de cheios e vazios e as funções de arremate, finalização e ornamentação, numa clara mostra da visualidade moderna dessa forma e de acordo com esse imaginário, era criada não apenas por meio das reformas urbanas e dos novos hábitos, mas também através de uma forma especial de representar visualmente este proprietários, que estarão emoldurados nas janelas e portas de seus palacetes, registrados muitas vezes nesse exato momento, condensado num espaço e tempo precisos, aliados aos registros o uso da Ilustraçãoografia, que se constituirá como o meio tecnológico capaz de representar visualmente esse momento fugaz de experiência da modernidade.

As rápidas transformações ocorridas na cidade de Belém e a formação da cidade durante a *Belle-Époque* colocam em pauta a necessidade de estabelecer sinais de distinção e de identidade entre seus moradores, sinais esses capazes de, visualmente, indicar seus lugares sociais. É por esta via que se pode indagar sobre o lugar dos ornamentos de fachada e o seu modo de funcionamento na dimensão visual na cidade de Belém em plena época da Borracha.

As indústrias da segunda Revolução Industrial atingiram um estágio evolutivo nunca dantes visto no curso da história econômica. Sua diversificada e intensa produção modificou substancialmente a concepção dos mercados. Os avanços científico-tecnológicos proliferaram-se na calda da revolução que apresenta a construção de uma fisiologia social renovada pelo espírito do tempo. Este tempo de ruptura, que tem na sua gênese a queda do Antigo Regime, incide diretamente na reinterpretção do grau de desenvolvimento da sociedade ocidental e acaba por assistir à ascensão da classe burguesa, proclamada como a “legítima herdeira da cidade”, ou melhor, da “cidade moderna”, dotada de inúmeros equipamentos urbanos, objetos, usos e costumes associados à modernidade.

3. O PALACETE

Com a finalidade de acelerar o debate sobre os aspectos visuais que ficaram marcantes através da arquitetura da cidade de Belém, ressalto agora a influência que os palacetes tiveram como destaque de moradias desse período. É possível dizer que os Palacetes eram as casas almeçadas para enobrecer o projeto de modernização urbana de Belém, aonde se sobressaíam principalmente por sua volumetria numa área residencial de casas térreas harmonizadas por seus gabaritos parecidos. Suas construções se individualizavam também

por utilizarem um altíssimo padrão de luxo nos seus exemplos de construção, mas, acima de tudo, estas casas pertenciam às famílias da elite paraense que contratavam arquitetos para atender aos seus anseios na construção de uma casa modernamente bela.

As inovações eram as mais ousadas. Estas construções foram, sem dúvida, a expressão máxima da arquitetura burguesa, tornando-se uma referência de requinte para as classes menos afortunadas, construídas nas avenidas por onde circulavam os bondes e o maior número de pessoas com o claro objetivo de serem vistos. Suas fachadas se destacam pelo seu caráter sofisticado de altíssimo padrão construtivo, com ornamentos como azulejos portugueses pintados a mão, elementos arquitetônicos em ferro fundido, peças com pinturas marmorizadas, pedras nobres e principalmente os estuques ornamentos amplamente utilizados nas fachadas principais, apresentando elementos decorativos de toda a forma: emoldurando as janelas com guirlandas de flores, figuras humanas, orgânicas de diferentes tipos e em forma de painéis, onde se observa a presença de anjos e ninfas projetando um cenário mitológico, além das composições de frisos, cornijas, fitas, cariátide, cabeça de leão, volutas e balaustradas¹⁵.

Os objetos decorativos e os ornatos destes Palacetes se propagaram na cidade de Belém e a sinalizaram visualmente com suas fachadas, com a gama de materiais e elementos decoração dos mais diversos que aqui estão e que vieram dos mais distantes lugares do mundo, patrocinados pelo apogeu do Ciclo da Borracha, quando a elite local conectará Belém com o que havia de mais moderno e sofisticado no mundo (Sarges M. d., 2001).

Neste texto, em especial, focarei no palacete Bolonha, edifício que se tornou propriedade da Prefeitura Municipal de Belém/Fumbel e no momento está sendo estudado para em breve se tornar um “museu casa”, dada a clara percepção do destaque que ele se impõe do tecido urbano da cidade a partir de sua volumetria e seus ornamentos de fachada, nos dias de hoje.

O Palacete Bolonha e sua vila são um dos maiores exemplos da intensa urbanização de Belém no período da borracha, ao final do século XIX e início do século XX. Por volta de 1905, o engenheiro Francisco Bolonha iniciou a construção do Palacete que lhe serviu de residência e da vila onde moravam outros membros da família. A construção do Palacete Bolonha ocorreu, segundo relatos familiares, à promessa e testemunho de amor de Francisco Bolonha a sua esposa, Alice Tem Brink Bolonha, que não queria deixar a capital do país, o Rio de Janeiro e vir morar em Belém do Pará¹⁶.

Construído com os diferentes materiais utilizados na época, tem um estilo eclético, claramente demonstrando o conceito de preocupação das elites locais com o luxo e com o belo citados anteriormente. É possível encontrar elementos *art-nouveau*, neoclássicos,

Ilustração 5
Palacete Bolonha: vista
do cruzamento da Av.
Governador José Mal-
cher com a Passagem
Bolonha, as fachadas
marcam os pavimentos
com suas respectivas
funções.





Ilustração 6
Pormenor da fachada do Palacete Bolonha, onde podemos ver ornatos e elementos visualmente distintos.



Ilustração 7
Balcão com Janelas completamente ornadas pelo estuque

Todas as imagens são de autoria e propriedade da autora, exceto a Ilustração 3, que foi retirada da Internet, e encontra-se em domínio público.

góticos e barrocos, sendo a cobertura feita à “la Masard”, com telhas pintadas de forma a proporcionar um bonito jogo de cores à distância.

Francisco Bolonha nasceu em Belém do Pará, em 22 de outubro de 1872. Iniciou seus estudos na mesma cidade, mas cursou Engenharia na Escola Politécnica, no Rio de Janeiro. Em 1900, visitou a França e foi bastante influenciado pela arquitetura parisiense¹⁷

As rápidas transformações acontecidas na cidade de Belém terão como acréscimo o uso dos estuques, utilizados com todo o seu repertório na decoração e no revestimento de fachadas, empregados subjetivamente com a finalidade de estabelecer uma comunicação simples e pura, transmitindo ideias, sentimentos e informações que influenciaram culturalmente o meio, fazendo assim uma interação entre homem e sociedade. Com o impulso do uso destes subsídios nas fachadas dos palacetes em Belém, e possível perceber um novo olhar para a arquitetura, possibilitando uma manifestação dos observadores com deferência ao “bom gosto” destes proprietários face à população da cidade que serão incentivados ao cultivo destes elementos, dando um cunho “artístico e elegante” a essas casas, corroborando, nos aspectos da valorização destes edifícios e permitindo que estes ornamentos agreguem valores particulares, colocando em pauta a necessidade de se estabelecer através da visualidade destes ornatos os sinais de distinção desta sociedade. Tudo isso incentivara o consumo de diversos repertórios deste material artístico nas casas de Belém, fundamental para a valoração destas famílias na coletividade.

O Palacete Bolonha, um dos principais edifícios representativos desta época, possui o estuque que, conforme já foi levantado, possui em seus aspectos construtivos e estéticos os elementos visuais que ornamentam e sinalizam esta Belém da *Belle-Epoque*. Nos interiores, principalmente nas áreas sociais, o estuque é aplicado principalmente de forma a apresentar ambientes esteticamente equilibrados e visualmente decorativos. É por esta via que se pode indagar sobre o lugar do ornamento e o seu modo de funcionamento na dimensão visual da sociedade da época (Lima, Janeiro de 2008). Embora os vários estilos pudessem coexistir nos estuques de uma mesma edificação, era habitual que os mesmos fossem selecionados para a composição dos tetos e paredes, atendendo à função específica a que era destinada cada divisão. Por conseguinte, não se podem classificar os estuques do Romantismo como simplesmente ecléticos sem se perceber que esse ecletismo subordinava-se a regras de bom gosto. Os revivalismos adotados não impediam que novas formas e novas soluções emergissem, as quais quase deixaram de ser usadas no século XX. Portanto, os estuques de Belém do Pará que possuem características de estuques portugueses constituem uma imagem da arquitetura da cidade e merecem ser estudados e valorizados como tal.

É possível afirmar que a exclusão das camadas mais baixas da população se dá em par-

te porque essa fatia da sociedade não deixa de circular no centro da urbe, muitas vezes desafiam o poder público e perambulam sem ocupação, transgredindo as leis e promovendo, segundo as autoridades e jornais da época, *algazarras* e *badernas*. Essas considerações são encerradas por uma espécie de jogo de “resistências” e adoção de padrões comportamentais proveniente de culturas exógenas, mas que convergem, ou melhor, fundem-se com o modo de vida regional e atuam num local privilegiado a “cidade”¹⁸.

CONCLUSÃO

Este trabalho busca um novo olhar sobre a cidade, ou seja, o estudo da Iconologia, procurando demonstrar que a arte visual urbana promove uma educação estética através sensibilização do olhar. Para Erwin Panofsvisky (1983) a iconologia é, sem dúvida, um dos melhores métodos de pesquisa oferecidos pela história da arte. Enquanto a iconografia se prestaria à explicitação do tema de uma obra de arte, a iconologia seria capaz de fornecer o significado deste tema, isto é, construir um discurso capaz de apresentar a história daquele tema.

Panofsky explica que o que diferencia a iconografia da iconologia é que a primeira é um método analítico e a segunda, sintético. Panofsky entende que a iconografia é uma prática de erudição por excelência, trata-se de catalogar, examinar e descrever a ocorrência de certos elementos visuais, sendo acima de tudo uma disciplina descritiva. A iconologia, no entanto, se caracteriza como um método histórico que tem por objetivo realizar uma síntese dos dados obtidos por uma análise iconográfica. Não são todas as obras de arte que se adequam à análise iconológica, acredito inclusive que não existe uma utilidade para a pesquisa da arte contemporânea, mas nas obras de arte cujo conteúdo é a cultura do mundo antigo, a mitologia ou a religião, a iconologia é sem dúvida, um dos melhores métodos de pesquisa oferecidos pela história da arte. A iconologia é capaz de fornecer o significado deste tema, isto é, construir um discurso capaz de apresentar a história relacionada ao tema.

A discussão que proponho neste estudo caminha no sentido de acelerar o debate envolvendo as práticas ornamentais e o próprio contexto sociocultural da cidade de Belém à época da construção de tais monumentos, no sentido de não apenas identificar tais elementos estéticos e as técnicas de execução, mas principalmente a função social destes ornatos em relação as perspectivas de poder que se estabelecia através dos aspectos visuais da cidade.

As cidades sempre estiveram intrinsecamente ligadas às imagens visuais. Seus elementos estruturais – edificações, monumentos, traçados, praças - que compõem o espaço urbano são parte constitutiva desta visualidade, sendo a cidade do presente tradicionalmente já apreendida pelos urbanistas através de imagens visuais - plantas, desenhos, mapas e

fotografias, permitindo apreender esta visualidade maior que comporta o urbano. Sobre a cidade existente, esses profissionais constroem um discurso, projetando a cidade do futuro. Da mesma forma, a cidade do passado pode ser lida através das imagens que restaram, sejam estas fotografias, obras de arte, monumentos ou desenhos e fachadas que permaneceram no tecido urbano.

A mudança, principal objeto da história, pode ser mais bem apreendida através das imagens urbanas. Mesmo que as fontes escritas possam dar conta de narrativas sobre a cidade, pode-se perguntar se é possível fazer uma história do urbano que abdique das fontes visuais. Ao contrário do texto escrito, que necessita da imaginação mental, a imagem visual é acessível ao olhar, permitindo observar a cidade tal como em um passeio que se possa fazer na cidade do presente. Por outro lado, a visibilidade da cidade, seja em suas imagens do passado ou do presente, pode conter a ilusão de que tudo está à mostra ou que o que se vê corresponderia à realidade. Incluir as imagens visuais nos estudos sobre a cidade não implica buscar uma correspondência literal entre o que se observa e o que foi, mas significa considerá-la.

Não obstante as evidências arquitetônicas e urbanísticas, as elites amazônicas tiveram boa parte dos grandes sonhos e fantasias inconclusas com a queda vertiginosa dos preços da borracha no mercado internacional e a eclosão da 1ª Guerra Mundial em 1914.

Decorrido cerca de um século, os remanescentes arquitetônicos da *Belle Époque* amazônica são as resistentes testemunhas que sobrevivem ao potencial apagamento da memória coletiva, com a transformação contínua da paisagem de nossas grandes cidades. Todavia, inegavelmente o fausto dessa época, efêmera ou não, estabeleceu as bases de consolidação ao longo do século XX de uma das maiores metrópoles da Amazônia, a cidade de Belém do Pará.

NOTAS

¹ Museu de Arte de Belém - *Antonio Jose de Lemos: A resignificação do Mito*. Belém do Pará. Rosa Araes (Org.) Belém-Prefeitura Municipal de Belém-PMB-Fundação Cultural do Municipio de Belém-FUMBEL/Museu de Arte de Belém. MABE - Catálogo de Exposição. In Antônio José de Lemos: Uma ligação vivida no presente eterno, pp.19-25.

² SARGES M. de Nazaré - *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1911)*. 1 ed Belém-Pará: Paka-tatu, 2001.

³ Museu de Arte de Belém - *Antonio Jose de Lemos: A resignificação do Mito*. Belém do Pará. Rosa Araes (Org.) Belém-Prefeitura Municipal de Belém-PMB-Fundação Cultural do Municipio de Belém-FUMBEL/Museu de Arte de Belém -MABE- Catálogo de Exposição, 96p.-Pg6.

⁴ Forma que Leandro Tocantins, explica a quantidade de objetos vindos de Portugal principalmente

relativos ao partido das residências e suas fachadas em Azulejos Portugueses..

⁵“Os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas figurinos, o mobiliário, as roupas, mas também as notícias sobre peças e livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer as estéticas tudo consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de Prestigio”(SARGES,. Belém: riquezas produzindo a belle-époque, 1870-1911 p.13)

⁶ CRUZ, Ernesto. As Obras Públicas do Pará. Belém: Imprensa Oficial, 1967.

⁷ SEGAWA Hugo, Ao Amor do Público: Jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP,1996.

⁸ CRUZ, Ernesto. As Obras Públicas do Pará. Belém: Imprensa Oficial, 1967

⁹ SOARES, Karol Gillet- As formas de Morar na Belem da Belle Epoque(1870-1910) Orientador Geraldo Martires Coelho-Dissertação apresentada no PPGHIST-Universidade Federal do Pará-2008. Museu de Arte de Belém- Antonio Jose de Lemos: A ressignificação do Mito. Belém do Pará. Rosa Arraes (Org.) Belém-Prefeitura Municipal de Belém-PMB-Fundação Cultural do Municipio de Belém-FUMBEL/Museu de Arte de Belém –MABE- Catálogo de Exposição –In 96p.-Pg6

¹⁰ Museu de Arte de Belém- *Antonio Jose de Lemos: A ressignificação do Mito*. Belém do Pará. Rosa Arraes (Org.) Belém-Prefeitura Municipal de Belém-PMB-Fundação Cultural do Municipio de Belém-FUMBEL/Museu de Arte de Belém –MABE- Catálogo de Exposição, p. 6.

¹¹ SOARES, Karol Gillet- *As formas de Morar na Belem da Belle Epoque(1870-1910)* Orientador Geraldo Martires Coelho-Dissertação apresentada no PPGHIST-Universidade Federal do Pará-2008.

¹² Construção edificada em 1904, Pág.118. *Álbum Belém da Saudade: A Memória de Belém no inicio do século em Cartões-Postais*, Secult 1996. 157p.

¹³ CRUZ, Ernesto. As Obras Públicas do Pará. Belém: Imprensa Oficial, 1967.

¹⁴ SARGES M. de Nazaré Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1911). 1 ed. Belém-Pará Paka-tatu, 2001.

¹⁵ DERENJI, Jussara da Silveira. Arquitetura Eclética no Pará. In: FABRIS, Annateresa(org.) - *Eclético na Arquitetura*. São Paulo: Nobel/ EDUSP, 1987.

¹⁶ LOBATO, Célio Cláudio de Queiróz, *Palacete Bolonha - Uma promessa de amor / Célio Cláudio de Queiroz Lobato, Euler Santos Arruda, Aurea Helyette Gomes Ramos*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2005.

¹⁷ Idem. pag-41-42

¹⁸ MARANHÃO, Haroldo - Pará, Capital: Belém. Belém: Supercores, 2000.

BIBLIOGRAFIA

ARGAN, Giulio Carlo - *História da Arte como história das cidade*. [trad. Pier Luigi Cabra]. 3ed. São Paulo : Martins Fontes,1995.

BASSALO, Célia C. - *O art nouveau no Pará*. Belém: Grafisa 1984

BELÉM da Saudade - *A Memória de Belém no inicio do século em Cartões-Postais*. Secult 1996.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo/Salvador: Metalivros/Fundação Emílio Odebrecht, 1994, 3 vols.

BRAGA, Theodoro - *Apostilas de História do Pará*. Belém : Offic. do Inst. Lauro Sodré, 1916.

BOURDIEU, Pierre - *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

- CORREIA, Telma de Barros - *A Construção do habitat moderno no Brasil -1870-1950*. São Carlos: RiMa, 2004.
- CRUZ, Ernesto - *As Obras Públicas do Pará*. Belém: Imprensa Oficial, 1967.
- DERENJI, Jussara da Silveira - Arquitetura Eclética no Pará. In: FABRIS, Annateresa (org.) - *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel/ EDUSP, 1987.
- Idem - *Arquitetura do Ferro: memória e questionamentos*. Belém: CEJUP,1993.
- Idem - A Seleção e a exclusão no meio urbano: reformas do fim do século XIX em Belém do Pará. In: D'INCAO, Maria Ângela (org) - *A Amazonia e a crise da Modernidade*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de - A Fundação da Cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará: de Theodoro Braga. In *Nossa História*.Rio de Janeiro, Vol. 1, n.12, 2004, pp. 22-26.
- Idem - *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929*. São Paulo: Unicamp, 2001. Tese de Doutorado.
- GUIMARÃES, Verônica Paiva - *Palacete Bolonha: Uma Casa Européia na Floresta Tropical*. Rio de Janeiro. UFRJ/FAU,1998.
- LIMA, Solange Ferraz de - *Ornamento e cidade: ferro, estuque e pintura mural em São Paulo,1870-1930*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- LOBATO, Célio Cláudio de Queiroz - *O Plano Urbano de Antônio Lemos – A Planta de Belém de 1905*. 127 f. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional – IPPUR, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.
- MARANHÃO, Haroldo. - *Pará, Capital: Belém*. Belém: Supercores, 2000.
- MEIRA, Octávio - *Memórias do quase ontem*. Rio de Janeiro: RJ: Lidador Ltda, 1976.
- Museu de Arte de Belém- *Antonio Jose de Lemos: A ressignificação do Mito*. Belém do Pará. In Rosa Arraes (Org.) – Belém - Prefeitura Municipal de Belém-PMB-Fundação Cultural do Municipio de Belém-FUMBEL/Museu de Arte de Belém –MABE- Catálogo de Exposição 96p. 2014. Belém-Pa
- PANOFISKY, Erwin - *O Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991, p. 83.
- PALMEIRA, Amassi - Francisco Bolonha: O Arquiteto da Amazônia. In *Encontro Nacional da Construção*, 11.,1993, Belém.
- Revista da Semana*, Belém, 30.04.1921.
- JATAHY Sandra Pesavento, História, memória e centralidade urbana , *Número 7 - 2007*, Nuevo Mundo Mundos Nuevos, mis en ligne le 5 janvier 2007, référence du 2 avril 2007, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document3212.htm>
- SEGAWA Hugo - *Ao Amor do Público: Jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP,1996
- SANTOS, Carlos Correia - *Grandes Paraenses / Francisco Bolonha*, A 115.
- SARGES M. de Nazaré - *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1911)*. 1 ed. Belém-Pará: Paka-tatu, 2001
- SILVERMAN, Debora - *Art Nouveau in Fin-de-Siècle*

TOCANTINS, Leandro - *Santa Maria de Belém do Grão Pará*. Belo

DOCUMENTOS OFICIAIS (ÁLBUNS E RELATÓRIOS)

BELÉM. Intendente Municipal (1898-1911: A. J. Lemos). *Álbum de Belém*: 15 de nov. de 1902. Paris: P. Renouard, 1902.

CACCAVONI, Arthur. *O Pará Comercial*, 1900.

LEMOS, Antônio. *O Município de Belém*: Relatório apresentado ao Conselho Municipal. Belém: Tipografia A. Silva, 1900.

– *O Município de Belém*: Relatório apresentado ao Conselho Municipal. Belém: Tipografia A. Silva, 1902.

– *O Município de Belém*: Relatório apresentado ao Conselho Municipal. Belém: Tipografia A. Silva, 1903.

– *O Município de Belém*: Relatório apresentado ao Conselho Municipal. Belém: Tipografia A. Silva, 1904.

– *O Município de Belém*: Relatório apresentado ao Conselho Municipal. Belém: Tipografia A. Silva, 1905.

– *O Município de Belém*: Relatório apresentado ao Conselho Municipal. Belém: Tipografia A. Silva, 1906.

– *O Município de Belém*: Relatório apresentado ao Conselho Municipal. Belém: Tipografia A. Silva, 1907.

– *O Município de Belém*: Relatório apresentado ao Conselho Municipal. Belém: Tipografia A. Silva, 1908.

PARÁ, Governador (1901-1909: A. Montenegro). *Álbum do Estado do Pará*. Paris: Chaponet